

ESCOLINHA DE FUTEBOL: UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA

(CHILDREN SOCCER SCHOOL: A MATTER PEDAGOGICAL)

Marcelo Aparecido Lourenço¹; Fernando Azeredo Varoto¹

¹Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro, São Paulo, Brasil

marcelo_manaco@hotmail.com

Abstract: *The aim of this study was to promote reflection about the importance of children physical health, socialization, cognitive development and quality of life developed through the soccer Schools. Soccer is the most popular sport in Brazil today, where children start from the first years of life. The game influences the behavior of the child, taking her to know their motivations, trends and incentives that put into action, encouraging the exercise of thought and social relations. Regarding the specificity of motor work, it is necessary to know the Schema Body, the Body Structure (posture, breathing, and relaxation), laterality, Spatial Structure and Temporal orientation. In this context, Physical Education Professor has key role and need to know the stages of motor development predominant in each age.*

Keywords: *Little School Football. Pedagogy. Physical Education Professor.*

Resumo: *O objetivo deste estudo foi promover a reflexão sobre a importância da saúde física, da socialização, do desenvolvimento cognitivo e da qualidade de vida das crianças desenvolvidas através das Escolinhas de Futebol. O futebol é o esporte mais praticado hoje no Brasil, onde as crianças iniciam desde os primeiros anos de vida. O jogo influi no comportamento da criança, levando-a a conhecer suas motivações, tendências e incentivos que a colocam em ação, estimulando o exercício do pensamento e das relações sociais. Com relação à especificidade do trabalho motor, é necessário conhecer o Esquema Corporal, a Estrutura Corporal (postura, respiração, relaxamento), a lateralidade, a Estrutura Espacial e a Orientação Temporal. Nesse contexto, o professor de Educação Física tem papel fundamental e necessita conhecer as fases do desenvolvimento motor predominantes em cada faixa etária.*

Palavras-chave: *Escolinha de Futebol. Pedagogia. Professor de Educação Física.*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar como surgiram as escolinhas de futebol a partir do contexto em que a seleção brasileira atravessou nas décadas de 60 e 70, colocando em dúvida a preparação física da seleção. A partir deste contexto, priorizou-se as categorias de base dos grandes clubes de futebol, bem como o surgimento das escolinhas de futebol orientadas por professores de Educação Física e por ex-jogadores que passaram por grandes clubes, devido sua enorme experiência como jogador de futebol e pelo contato com técnicos renomados, além de serem assistidos por preparadores físicos renomados. Com isso, as escolinhas de futebol passaram a ser um excelente instrumento de ordem educacional, uma vez que se trata de um jogo com regras, limites e disciplina (VALENTIN & COELHO, 2005).

O jogo é fundamental para o desenvolvimento físico e da qualidade de vida da criança, facilitando sua aprendizagem, pois quando a criança joga estrutura suas ações, levando-a a desenvolver sua vontade, tornando a consciente de suas tomadas de decisões (VALENTIN E COELHO, 2005) e o futebol pode ser trabalhado de forma educativa, priorizando-se esses aspectos.

A motricidade na Educação Infantil encontra-se respaldada nas ideias de Le Boulch (1982), que classifica o movimento em três tipos: reflexivo, automático e voluntário. O movimento reflexo é a motricidade inata, natural desde o nascimento e sua característica fundamental e a existência em função da autopreservação, e o movimento instintivo, independente da vontade e do comando cerebral. O movimento voluntário é a motricidade que exige o estabelecimento de um plano de ação, ou seja, a tomada de decisão em nível de córtex cerebral o planejamento da ação motora, a avaliação dos resultados dessa ação e finalmente a leitura desses resultados acumulando-os em forma de experiências. O movimento automático é uma segunda etapa do movimento voluntario. Este, se repetido uma quantidade de vezes (movimento experiente) realiza uma migração cerebral: sai do córtex e penetra na região subcortical, desocupando espaço no córtex o que permite o estabelecimento de novos planos de ações motoras mais avançadas (MATTOS E NEIRA, 2003).

Outros autores como Piaget (1990) que trata do raciocínio lógico, Vygotsky (1989) que aborda a ação do sujeito, Wallon que trata da ideia de ação motora e raciocínio, assim como Ferrero e Teberosky (1986) que afirmam que o ser humano só cria e constrói o conhecimento em função de um meio que lhe impõe motivações, interesses e conflitos, contribuíram para o entendimento do desenvolvimento da criança e como o jogo pode auxiliar esse desenvolvimento.

Sabe-se que o esporte é um potente instrumento de socialização e de transformações pedagógicas para as crianças. A escolinha de futebol constitui uma das principais possibilidades de prática esportiva para transformar o sujeito, considerando seu alto grau de aceitação no Brasil. Segundo Valentin e Coelho (2005), através das escolinhas de futebol é possível levar a criança a uma transformação no seu desenvolvimento intelectual, moral, social e, principalmente na questão da aprendizagem, por se tratar de um esporte coletivo, interativo e que necessita o respeito às regras. Essa modalidade de esporte não pode ser vista apenas no contexto da saúde física, mas uma atividade interdisciplinar.

Segundo Valentin e Coelho (2005) é importante que o futuro profissional do esporte entenda que as escolinhas de futebol apresentam-se como um fenômeno de relevância sociocultural e muito difundido entre os brasileiros principalmente pela apropriação dos mais diversos grupos sociais. Segundo Scaglia (1996) o esporte só tem sentido educativo, quando tem por finalidade passar um conhecimento global ao aluno, levando em consideração os aspectos cognitivos, afetivos e motores. Assim, o uso de uma metodologia adequada deve ser um dos pontos relevantes para o desenvolvimento dos trabalhos das escolinhas de futebol,

utilizando uma linguagem própria às diferentes faixas etárias, sendo todas as aulas tematizadas, ou seja, cada unidade de ensino tem um tema.

Nesse contexto, este estudo objetivou promover a reflexão sobre a importância da saúde física, da socialização, do desenvolvimento cognitivo e da qualidade de vida das crianças desenvolvidas através das Escolinhas de Futebol.

2. MÉTODO

Para contextualizar e conceituar a temática foi realizada uma busca em base de dados especializada (periódicos e livros). A seguir, para atender aos objetivos desse estudo, foi realizada uma busca na base de dados do Google Acadêmico (<http://scholar.google.com.br/>), com as palavras-chave: Escolinhas de futebol; Pedagogia; Desenvolvimento Humano; Desenvolvimento Motor e Professor de Educação física.

3. AS ESCOLINHAS DE FUTEBOL E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Segundo Valentin e Coelho (2005), as escolinhas de futebol surgiram no Brasil num contexto futebolístico e político dos anos 60 e 70, enquanto espaço institucionalizado de manipulação corporal e de criação de um novo modelo de jogador de futebol. Pedagogicamente, controlar os hábitos e o estilo dos jogadores passou a ser estratégia posterior, após o Brasil ser derrotado na Copa do Mundo de 1966. Essa atitude foi desencadeada pela condição física, os maus hábitos e os vícios apresentados pelos jogadores brasileiros:

No discurso de técnicos de campo, preparadores físicos e jornalistas esportivos, a presente necessidade de consertar a insuficiência, combater vícios, tirar defeitos do jogador brasileiro constituem objetivos que podem ser satisfeitos de modo mais adequado se arrostados desde tenra idade, e sem interrupção ao longo de toda a série que o jovem pretendente à profissão de atleta deve percorrer. Na verdade, confere-se às categorias de base uma missão por demais nobre, cujo cumprimento às técnicas corretivas nelas desenvolvidas encarreguem-se de assegurar (FLORENZANO, 1998, p. 37 apud VALENTIN & COELHO, 2005, p. 186)

Valentin e Coelho (2005) enfatizam e valorizam as categorias de base, pois elas apresentam possibilidade de evitar vícios e defeitos em sua formação, bem como realizar uma preparação corporal de forma que os mesmos alcancem o elevado nível de sua força física exigido pelo modelo adotado em todas as partes do mundo, conhecido como “futebol-força”. Nesse contexto de valorização especial das categorias de base, surgia uma nova prática pedagógica do futebol, institucionalizada no âmbito das escolinhas de futebol.

O surgimento das escolinhas de futebol provocou uma enorme demanda profissional que veio ser prioritariamente preenchida pelos professores de Educação Física. Com o crescimento desordenado das grandes cidades, ocorreu um grande problema na vida social brasileira. As áreas de lazer como as praças, bosques, jardins, e, nesse embalo, os campos de várzeas diminuem drasticamente. Um problema que João Saldanha já alertava nos anos 70. Esses campos, que eram verdadeiros celeiros de craques, onde em cada praça, em cada rua, em cada campinho de terra nos bairros, existia uma equipe de futebol, onde as crianças desenvolviam as suas habilidades, suas estratégias de jogo, suas capacidades física, mental e social, começam a desaparecer (VALENTIN & COELHO, 2005).

A partir do desaparecimento desses campos, surge um novo segmento para a ocupação do espaço perdido por jovens e crianças. Surgem as Escolinhas de Futebol Infantil, espaços destinados a crianças e jovens, no intuito de preencher, de maneira educativa e

recreativa, o vazio que ficou no processo educacional. Essas escolinhas, sem dúvida, algumas delas, passaram a significar lucro, mas sem deixar de estabelecer os objetivos educacionais, culturais e físicos dos participantes. Elas surgem em praças, clubes, condomínios e campos (VALENTIN E COELHO, 2005).

Essas escolas podem ter as mais diversas finalidades: serem formativas, ou visarem à formação de atletas; podem ser comerciais, visando o lucro através do esporte; ou sociais, que têm por objetivo a integração, atuando sem fins lucrativos. Sejam quais forem os fins dessas escolinhas, o que importa é que nossas crianças terão a oportunidade de se socializarem através do esporte, descobrindo-se através do corpo em movimento, do prazer de jogar, de brincar. Conhecerão direitos e deveres, estarão saindo das ruas e sendo educadas através do esporte, uma vez que nas escolinhas existem regras, limites e disciplina (VALENTIN E COELHO, 2005).

Mesmo que não cheguem a ser profissionais de futebol, as crianças conhecerão o seu papel na sociedade: de homens responsáveis, que saberão cumprir as suas obrigações graças a Escolinha de Futebol.

4. UM NOVO CONTEXTO COM O REGIME MILITAR

Segundo Castellani Filho (2009), a valorização das escolinhas de futebol e as mudanças significativas da Educação Física impostas pelo Estado Militar se juntam num mesmo momento histórico e a Educação Física assume um:

Caráter instrumental evidenciado ainda mais quando o Decreto 69.450/71, em seu artigo 1º, refere-se a ela como sendo "... atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimoram forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais (CASTELLANI FILHO, 2009, p. 107)

Segundo Valentin e Coelho (2005) a responsabilidade coube à Educação Física de desenvolver, dentre outros aspectos, a formação moral e cívica do cidadão brasileiro, os clubes esportivos eram incumbidos de proporcionarem atividades orientadas e supervisionadas pelos professores de Educação Física. Observa-se que há uma coerência discursiva entre o papel desenvolvido pelo professor de Educação Física e o propósito que a escolinha de futebol veio a cumprir. Os professores de Educação Física, ainda que isso não lhes fosse inicialmente claro, mantiveram a configuração da rede semântica que norteou o trabalho pedagógico no interior das escolinhas de futebol, de forma a cristalizar ideias, valores, normas, regras e padrões de vida, de comportamento exemplar no imaginário das classes populares. Para os autores, trata-se de uma política autoritária do regime militar visando atingir o povo através de uma institucionalização orientada por uma intenção domesticadora e normativa que não surgiu das exigências concretas oriundas das classes trabalhadoras, mas de um Estado autoritário.

Valentin e Coelho (2005) apontam que já nessa época, a escolinha de futebol exercia uma força razoável de impacto na sociedade em função de sua veiculação através de interesses de uma classe burguesa – amparada pelo aparelho estatal – que se sentia ameaçado pelo avanço operário.

Com a reconfiguração da democracia e o processo de desmilitarização do Estado, os programas esportivos educacionais ganharam, em um contexto de aprofundamento das políticas neoliberais em nível nacional, como veículos de ascensão socioeconômica e de inserção/inclusão social, no sentido de retirar os jovens das ruas e redimensionar suas práticas no contexto do esporte (VALENTIN E COELHO, 2005).

5. AS ESCOLINHAS DE FUTEBOL VOLTADAS PARA A INSERÇÃO, INCLUSÃO E ASCENSÃO DA CRIANÇA

Segundo Valentin e Coelho (2005), a partir da década de 90 é consolidada uma política nacional voltada para o discurso de inserção, inclusão e ascensão de crianças e adolescentes através da prática esportiva, comumente ligada a projetos estatais e não estatais, estes últimos vinculados às organizações não governamentais.

Esses programas esportivo-educacionais se firmavam como espaços pedagógicos criados pela relação entre as classes burguesas e classes dos trabalhadores gerando um espaço cultural e uma formação social de natureza desigual.

Para Castellani Filho (2009), a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente de uma área denominada de Cultura Corporal, configurada com temas ou formas de atividades corporais como o jogo, o esporte, a ginástica, a dança e outras que constituirão sem conteúdo. O estudo desse conhecimento tem a finalidade de aprender a expressão corporal como linguagem.

O ser humano se apropria da Cultura Corporal dispondo sua intelectualidade para o lúdico, o artístico, o estético ou outras, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social recebendo o nome de “significações objetivas”, desenvolvendo um sentido pessoal que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade de sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. Leontiev (1981) explica:

As significações não são eleitas pelo homem elas penetram as relações com as pessoas que forma sua esfera de comunicações reais. Isso quer dizer que o aluno atribui um sentido próprio às atividades que o professor lhe propõe. Mas essas atividades têm uma significação dada socialmente, e nem sempre coincide com a expectativa do aluno (Leontiev, 1981, apud CASTELLANI FILHO, 2009, p. 62).

Para Castellani Filho (2009) o professor vê no futebol um evento mais que lúdico, de luta entre duas equipes onde somente uma delas será a ganhadora é porque esta equipe é mais forte, mais hábil, possui mais garra, mais técnicas etc. Por esse motivo, para o professor, driblar, correr, passar, fintar deve ser executado sem erros, justificando a ênfase no treinamento dessas técnicas, dando ao jogo um sentido quase de um trabalho a ser executado com perfeição por todos para obter sucesso.

Para o aluno, driblar, fintar, correr, passar é apenas um meio para atingir algo para si mesmo, como prazer, autoestima etc. O seu sentido pessoal do jogo tem relação com a realidade de sua própria vida, com suas motivações. Nesse contexto os temas da cultura corporal expressam um sentido/significado do homem e as intenções/objetivos da sociedade (CASTELLANI FILHO, 2009).

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que o jogo, esporte, ginástica, dança ou outros temas que compõem em programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sociopolíticos atuais, como ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição de solo urbano, distribuição da renda etc. Além disso, só é necessária essa reflexão se existir pretensão de proporcionar ao aluno da escolinha de futebol o entendimento da realidade social interpretando-a e explicando-a partir dos seus interesses de classe social. O papel da escolinha de futebol deve ser o de promover essa aquisição de prática social (CASTELLANI FILHO, 2009).

Discutir problemas sociopolíticos não quer dizer um ato de doutrinação, mas uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, viabilizando uma leitura da realidade estabelecendo vínculos concretos com projetos políticos de mudanças sociais.

6. BREVE HISTÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Segundo Valentin e Coelho (2005), a construção e o desenvolvimento teórico das Representações Sociais desde o início na Sociologia Clássica até a forma atual da Teoria das Representações Sociais com o objetivo de tornar mais claro o eixo teórico que norteou esse estudo. Em 1898 as representações sociais discutidas e estudadas na Sociologia clássica foram as primeiras teorias que conceituaram as Representações Coletivas. Segundo essa abordagem, as Representações Coletivas consistiam em saberes populares, pré-noções, credences e teorias do senso comum formadas no coletivo, excedendo a individualidade de maneira genérica, exercendo certa coerção sobre a pessoa.

As Representações Coletivas traduzem a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que com os quais convivem. As representações coletivas seriam reflexos, nos indivíduos, de ideias que lhe são exteriores e organizam o pensamento individual de forma a conhecer, classificar e organizar o mundo em que vive (VALENTIN & COELHO, 2005).

Atualmente, as Representações Sociais estão inseridas no contexto científico da pedagogia social europeia, tendo como precursor Serge Moscovici que direciona para a possibilidade de se desenvolver os contornos de um grupo social em função da sua visão de mundo. Refletindo sobre as representações sociais, pode-se dizer que elas aparecem como produtos culturais históricos que passam a ser incorporados pelos indivíduos. Dessa forma, as representações sociais não são consideradas tão somente como produtoras de comportamentos, mas como determinadas pelas experiências do dia-a-dia, das tradições culturais e do tipo de vida referentes a um determinado grupo. Assim, a subjetividade e a objetividade não aparecem como dimensões antagônicas, mas como partes do processo de construção e de sustentação das representações (VALENTIN & COELHO, 2005).

Os estudos sobre as representações sociais podem apresentar como em diferentes localidades, nos diferentes momentos da história, como a realidade social é construída, compreendida e apresentada pelos seus integrantes (VALENTIN & COELHO, 2005). Por isso, o autor compreende as representações sociais como sendo “as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real” (Chartier, 1990, p. 16-17 apud VALENTIN & COELHO, 2005). Assim, segundo o autor, essas representações seriam definidas pelas condições socioculturais e interesses dos componentes dos grupos sociais traduzindo seus interesses, posições e concepções, produzindo estratégias e práticas sociais (esportivas, políticas, escolares, etc.) enquanto formas próprias daquele grupo fazer parte do mundo.

7. O ESPORTE

Segundo Castellani Filho (2009), uma nova compreensão da Educação Física atuando nas escolinhas de futebol leva a considerar alguns critérios, pelos quais os conteúdos serão organizados, sistematizado e distribuído dentro do tempo necessário a sua assimilação. Um mesmo conteúdo pode ser tratado em todos os níveis escolares numa evolução espiralada, mas, lembrando que este trabalho vai tratar da orientação das crianças em escolinhas de futebol no processo de ensino aprendizagem e nas práticas pedagógicas. Ainda, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, o esporte se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica, deve ser analisado nos seus vários aspectos, para determinar a forma como deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como esporte “na” escola.

Por ser uma produção histórico-cultural, o esporte vincula-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não podem ser afastadas condições a elas inerentes, especialmente no momento em que lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo pessoal (CASTELLANI FILHO, 2009). Para o autor, exigir máximo rendimento atlético, comparar o rendimento que idealiza o princípio de sobrepujar, regulamentação rígida e racionalização dos meios e técnicas, revelam que o processo educativo por ele provocado reproduz as desigualdades sociais. Por isso, pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes defendidos para a “funcionalidade” e desenvolvimento da sociedade.

Por outro lado, os pressupostos para o aprendizado do esporte, tais como o domínio dos elementos técnico-táticos e as precondições fisiológicas para a sua prática fica claro que a finalidade a ele atribuída é somente a vitória na competição, colocando-o como fim em si mesmo (CASTELLANI FILHO, 2009). Para o autor, aceitar o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, é necessário questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria.

O esporte nas escolas ou nos campinhos de futebol precisa resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendendo o compromisso com a solidariedade e respeito humano e compreender a diferença entre jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário. Desta forma, é preciso desmistificar o esporte através da oferta do conhecimento que permita ao aluno criticá-lo dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural, promovendo a compreensão de que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem o direito a prática do esporte.

8. A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO HUMANO NA ESCOLINHA DE FUTEBOL

Segundo Mattos e Neira (2003) a Educação Física atual por não querer abordar de forma ampla, especializou-se no seu objeto de estudo “o movimento humano”. Esse movimento não acontece sozinho, pois toda ação tem uma intenção, seja ela expressiva ou funcional é sempre determinada pela sua dimensão cultural: um jogo, um esporte, uma dança, um trabalho, uma expressão etc., qualquer gesto é sustentado por um significado.

Essas ideias de Educação pelo movimento fundamentam-se na proposta de Le Boulch (1986), em que toda educação pressupõe tomar decisões quanto à finalidade da ação educativa, favorecendo o desenvolvimento do ser capaz de atuar num mundo em constante transformação por meio de um melhor conhecimento e aceitação de si mesmo, melhor ajuste de sua conduta e uma verdadeira autonomia e acesso às suas responsabilidades no marco da vida social. Com isso, por meio de sua ação sobre atitudes e movimentos corporais, a Educação pelo Movimento abrange o homem como um todo já que o ato motor não ocorre isoladamente, pois o movimento só adquire significado dentro de um contexto. Assim, para Collelo (1995):

A Educação Pelo Movimento é uma educação psicomotora de base, que visa atingir a criança no plano afetivo, na capacidade de se relacionar com os outros e com as coisas e no desenvolvimento funcional, seja na capacidade de ajustamento, seja na organização dos campos exteroceptivo (percepção espaço-temporal) e propioceptivo (percepção do corpo e das sensações). A Educação pelo Movimento visa conjugar os fenômenos motores intelectuais afetivos, garantindo ao homem melhores possibilidades na aquisição instrumental e cognitiva, bem como na formação de sua personalidade (COLLELO, 1995, p.23).

Dessa forma, segundo Mattos e Neira (2003), é impossível qualquer espécie de ação que não empregue recursos corporais e coloca em dúvida toda a ação pedagógica centrada na cognição. O campinho de futebol pode tornar-se um espaço exclusivo de raciocínio, de

inteligência. Ao corpo restou o campo de futebol. Essa postura está tão enraizada que a nomenclatura médica nomeia a musculatura esquelética como componente do aparelho locomotor que traz uma única sugestão: transportar o cérebro, o equipamento pensante do nosso corpo.

Para Mattos e Neira (2003) não há manifestação humana não-corpórea; logo o corpo é a sede de todos os sentimentos, ações e pensamentos. O dualismo corpo/mente, embora em vigor nas escolas, está meio fora de moda. O professor quando entra na sala de aula não encontra apenas “cérebros” para ensinar, mas lida principalmente, conforme a faixa etária, com os corpos e nesse sentido qualquer conhecimento ou conteúdo, possa pelo canal corporal.

A princípio, todo conhecimento é motor, depois se divide em três ramos: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor, que para Le Boulch (1986) pode ser denominado: o saber fazer, o querer fazer e o poder fazer. Ainda, o movimento é o meio de expressão fundamental das crianças na Educação Infantil. Assim todos os educadores têm a obrigatoriedade de compreender que esse movimento, muito além de um olhar biológico ou fisiológico, o corpo que corre, cresce e sua é o mesmo que sente, conhece e se expressa. Segundo Mattos e Neira (2003) é no movimento que está a mais pura forma de manifestação humana, a verdadeira conquista da identidade e do conhecimento de si como ser autônomo e independente. Para os autores, o movimento pode ser de três tipos: reflexo, automático e voluntário.

O movimento reflexo é a motricidade inata, natural desde o nascimento e sua característica fundamental é a existência em função da autopreservação, e o movimento instintivo, independente da vontade e do comando cerebral, devido à rápida reação, a informação não tem tempo hábil de percorrer todo o sistema nervoso central e periférico. O movimento voluntário é a motricidade que exige o estabelecimento de um plano de ação, ou seja, a tomada de decisão em nível de córtex cerebral o planejamento da ação motora, a avaliação dos resultados dessa ação e finalmente a leitura desses resultados acumulando-os em forma de experiências (MATTOS & NEIRA, 2003). O movimento automático é uma segunda etapa do movimento voluntário. Este, se repetido uma quantidade de vezes (movimento experiente) realiza uma migração cerebral: sai do córtex e penetra na região sub-cortical, desocupando espaço no córtex o que permitira o estabelecimento de novos planos de ação motora mais avançadas (MATTOS E NEIRA, 2003).

Segundo Mattos e Neira (2003), a compreensão neurológica do movimento humano auxilia o professor no momento do planejamento das aulas. Na orientação de jogos para crianças em idade Infantil, a prioridade das atividades motoras deve incidir sobre o movimento voluntário, destacando a obrigatoriedade do pensamento e decisão individual sobre como resolver uma tarefa motora. Para eles, qualquer aula abrangerá uma enorme quantidade de movimentos automáticos (correr, andar, parar, etc.) que deve estar inserida em um contexto de elaboração de um plano motor. O que não pode ocorrer é a movimentação pelo simples fazer, descontextualizado de uma situação de pensar como fazer do ponto de vista das crianças.

Em relação de como esses movimentos devem ser trabalhados, encontram-se duas linhas de trabalho, embora apresentando semelhanças, distinguem-se nos seus objetivos: a educação do movimento e a educação pelo movimento. Educação do movimento são as atividades que visam o desenvolvimento das habilidades motoras (correr, saltar, saltitar, arremessar, empurrar, puxar, balançar, balancear, subir, descer, andar) da capacidade física, (agilidade, destreza, velocidade, velocidade de reação) e das qualidades físicas (força, resistência anaeróbia), (MATTOS & NEIRA, 2003). Segundo os autores, na escola e nas orientações dos jogos de futebol esse trabalho pode ser distribuído ao longo do período em que estiver desenvolvendo atividades, com maior ênfase com o passar do tempo em que a criança já construiu alguma coisa em relação ao futebol, quando as características psicológicas

e fisiológicas correspondem às especificidades desta proposta. A educação pelo movimento caminha além do componente motor, pelos aspectos afetivos, cognitivos e sociais.

A concepção de uma Educação Física condicionadora do corpo cai por terra quando a Educação pelo movimento de Jean Le Boulch tem sua principal fundamentação na implementação de um programa motor na Educação Infantil. As raízes do raciocínio lógico terão que basear-se na coordenação das ações a partir do nível sensorio-motor, cujos esquemas têm importância fundamental desde o início. Piaget explica ainda que alguns aspectos são fundamentais para a compreensão da importância da ação como meio de construir o conhecimento. De zero a 2 anos a criança estrutura sua bagagem cognitiva agindo sobre objetos de conhecimento, daí a importância do movimento para a construção do conhecimento. (MATTOS & NEIRA, 2003).

Já para Vygotsky (1997), segundo o Mattos e Neira (2003), “a atividade do sujeito é um importante aspecto da formação da consciência, admitindo igualmente que a imaginação, como todas as funções da consciência, surge originalmente da ação,” (Vygotsky, 1989, p. 46 apud MATTOS E NEIRA, 2003, p24).

Vygotsky (1997), valoriza a interação do sujeito, acreditando que ação deste que determina a formação das funções psicológicas superiores. Para que uma criança elabore um conceito, é necessário o contato com diversas vivências para que ocorra a internalização.

Já para Wallon (1966 apud MATTOS & NEIRA, 2003), “o espaço motor e o espaço mental se supõem de tal maneira que a perturbação de arrumar os objetos no espaço se associa a de ordenar as palavras na frase”, (WALLON, 1966 apud MATTOS / NEIRA, 2003, p.25). Assim, Wallon aproxima a ideia de ação motora e raciocínio. A possibilidade de organizar a fala, em consequência, o pensamento coincide com a habilidade de movimentar-se num determinado espaço.

Para Ferreira & Teberosky (1986) o homem se assume, cria e constrói o conhecimento em função de um meio que ao longo da vida lhe impõe necessidade, motivações, interesses e conflitos. É essa dinâmica que as conquistas humanas devem ser entendidas e respeitadas, (FERREIRO & TEBEROSKY, 1986 apud MATTOS & NEIRA 2003, p.25). Nesse caso, os autores apontam a absoluta relevância da aprendizagem com significado. A criança não aprende se o aprendido não interessa a ela. Segundo Mattos e Neira (2003), o movimento é a forma mais utilizada na Educação Infantil. O espaço entre a emoção e a ação é menor quanto mais jovem a criança for. Qualquer espécie de proposta motora desde que lúdica e significativa faz sucesso entre as crianças. Os jogos reúnem as necessidades, os interesses e as motivações. Segundo os autores, nas aulas nas orientações físicas é o movimento voluntário que deve ser trabalhado, baseando-se em elementos significativos para as crianças para a construção do conhecimento. O professor deve promover o conflito para o grupo ou individualmente. É a superação desses conflitos que ocorrerão os ajustes cognitivos mais elaborados. Os movimentos não devem ser repetitivos, mas devem ser descobertos pela criança, buscando alcançar uma meta.

Para Mattos e Neira (2003), como inserir o estudo do movimento nas aulas de orientação física para crianças pequenas? Segundo o autor, a reforma curricular da Educação Infantil na Espanha, tem como um dos idealizadores César Coll, que aponta três áreas de estudo a serem desenvolvidas na faixa dos 4 a 8 anos: Identidade e autonomia, meio físico e social e comunicação e representação, ou seja, o conhecimento de si, o conhecimento do meio e o conhecimento das nossas relações com o meio. Para o autor, essas áreas abrangem todos os componentes curriculares das áreas humanas e exatas. Para aproximar as relações entre as diferentes áreas de estudo e a relação destas com que é próprio deste trabalho. Collelo (1995) considera

[...] a motricidade, a linguagem e a linguagem escrita como formas de expressão, ação e comunicação que funcionam como evidência de equilíbrio afetivo e

inteligência. O desenvolvimento destas formas de manifestação humana se explica a partir da interação do ser com o mundo. A evolução das faculdades precívomotoras, trazendo consigo a possibilidade de agir sobre o mundo é o motor do desenvolvimento infantil. Como poderia uma criança ler e escrever sem antes conhecer o mundo e sentir necessidade de se relacionar com os outros? (COLLELO, 1995 apud MATTOS, 2003, p.27).

Ressalta ainda Collelo (1995), a estreita relação entre os componentes de ordem “corporal” e os valorizados componentes de ordem cognitiva. Para alfabetizar-se, para adquirir o raciocínio lógico matemático ou para aprender qualquer outra espécie de conteúdo o caminho obrigatório é a passagem pelo movimento, a raiz de toda construção de conhecimentos. Só uma visão elaborada de si mesmo, uma compreensão do mundo que a cerca e uma sintonia com esse mundo constituirão os fundamentos para aquisições futuras. Com relação à especificidade do trabalho motor pode-se inferir como conhecimento de si, o Esquema Corporal; como conhecimento do meio, a Estruturação Espacial e como conhecimento das relações com o meio, a Orientação Temporal.

9. FASES DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, COGNITIVO E AFETIVO-SOCIAL.

Segundo Mattos e Neira (2003) ao elaborar um plano de aula para orientação física é fundamental conhecer a criança sobre todos os aspectos, principalmente os domínios cognitivos e o afetivo-social, considerando que a maior dificuldade é planejar aulas que realmente atinjam seus objetivos uma vez que, na maioria das vezes, o professor centra nele a direção do trabalho e desconhece a forma como os alunos pensam (o saber fazer) e sentem (o querer fazer) desencadeando assim, um avanço no desenvolvimento da motricidade (o poder fazer). Assim, o quadro abaixo das fases do desenvolvimento irá contribuir para a planificação das aulas, evitando a elaboração de propostas que fujam a forma pela qual as crianças se desenvolvem, deixando claro que todos os seres humanos atravessam estes períodos de forma equivalente.

9.1 Fases do Desenvolvimento

QUADRO 1. Fases do desenvolvimento segundo cada uma das abordagens (sócio afetiva, cognitiva e motora).

IDADE	SÓCIO AFETIVO (WALLON)	COGNITIVO (PIAGET)	MOTOR (VAYER)
3 A 6 ANOS	Crise da oposição e inibição, aquisição da consciência do eu, narcisismo, egocentrismo, autoadmiração, imitação, inserido no contexto familiar	Fase pré-conceitual, aquisição da função simbólica, pensamento irreversível, os estados são resultantes de transformações incoerentes	Através da ação melhora a precisão e coordenação de movimentos, utilizando cada vez mais diferenciada e precisa dos seus segmentos
7 A 10 ANOS	Personalidade polivalente, ajustamento da conduta às circunstâncias das possibilidades e conhecimento mais preciso e completo de si	Progressiva descentralização, coordenação interiorizada dos esquemas de ação, operações simples e concretas	Associa as sensações motoras aos outros sentidos, controla respiração e postura, afirma a lateralidade, possibilidade de relaxamento, independência de segmentos, transporta o conhecimento de si aos outros
A PARTIR DE 11 ANOS	Extrema valorização do grupo, conhecimento incompleto do seu potencial, período da testagem.	Surgimento do pensamento lógico dedutivo	Movimento corporal mais preciso e rítmico, consciente das próprias possibilidades e das possibilidades alheias.

Fonte: Mattos e Neira (2003, p. 42) Construindo o Movimento na Escola.

9.2 O papel do professor no comando de uma Escolinha de Futebol

Segundo Scaglia (1996), o professor de Educação Física, seu papel inicial e promover competições entre os alunos para que estes tenham contato com um jogo com regras e que devem ser respeitadas, sendo que todos devem ter a mesma oportunidade de praticar o futebol, sem que transpareça o sentido de selecionar os melhores em prejuízo daqueles com menos habilidade. Além disso, o futebol, em princípio deve se preocupar com a função pedagógica e da ação motora, tendo com objetivo principal realizar o movimento carregado de sentido e objetivo pedagógico durante o desenvolvimento de suas aulas em campo. Por isso, as aulas devem ter sentido lúdico e carregado de prazer da mesma forma que criança sente quando joga bola na rua ou nos campinhos de futebol.

9.3 Planejamento das aulas de Educação Física

Segundo Mattos e Neira (2003) entendem que o professor deve aceitar a responsabilidade inerente de afetar a criança inteira, a pessoa total, e dessa responsabilidade não deve fugir. Para o autor, a Educação Física é considerada hoje um meio educativo privilegiado, na medida em que abrange a pessoa em sua totalidade. O caráter de unidade da Educação Física por meio de atividades físicas é reconhecido universalmente através dos tempos.

Para Bento (1991) alguns estudiosos e profissionais de Educação Física parecem “dançar” sobre o terreno problemático em que sua disciplina deveria ser construída, e afirma que esses professores:

Formulam metas, objetivos e valores com um grau tão elevado de abstração e pretensionismo que parecem apresentá-la como uma disciplina do reino dos céus, desobrigada e desvinculada de desempenhar funções concretas neste reino da terra em que os homens nascem, crescem, vivem e morrem envoltos por problemas e necessidades. (BENTO, 1991, p.104 apud MATTOS E NEIRA, 2003, p.81).

Segundo Mattos e Neira (2003) planejar é preparar bem a ação, acompanhando-a para confirmar ou corrigir o decidido, revendo criticamente o que já foi feito. Planejar é estruturar uma linha de ação que mostre uma visão da realidade sem improvisação, lembrando que os objetivos são difíceis de serem alcançados, considerando a escassez dos recursos materiais. No planejamento anual das atividades é importante respeitar os Eixos Temáticos, os Aspectos Psicomotores, Cognitivos e Afetivo-Sociais ilustrados no QUADRO 1, buscando a formação integral da criança.

9.4 Avaliação

Segundo Mattos e Neira (2003) avaliar sempre foi uma grande incógnita para professores que não dispõem de instrumentos sólidos para verificar o nível de aprendizagem dos alunos. Diferentemente de outros professores, as avaliações, em se tratando de atividades motoras, resumem-se à pura observação.

Outros componentes bastante utilizados são as aplicações de testes físicos: corrida, saltos, agilidade, impulsão vertical, até a flexão de braços e abdominais. Mattos e Neira (2003) concordam com este tipo de avaliação como trabalho físico, mas a Educação Física não se resume estritamente à aquisição e aumento das qualidades físicas, tornando-se um processo incompleto. Ainda, os alunos podem ser observados dentro dos domínios cognitivo (ele sabe fazer, ele verbaliza, ele se utiliza de diferentes estratégias para atingir os objetivos da atividade, ele é criativo), afetivo-social (ele procura sempre os mesmos companheiros, ele tem

dificuldades na montagem de equipes, ele se afasta dos demais durante as atividades, ele solicita ajuda do amigo ou do professor) e psicomotor (ele consegue realizar a proposta, ele buscar superar suas dificuldades, tem coragem, se arrisca).

Após a observação no transcorrer normal das atividades físicas, e não na situação de avaliação, o professor apontará em pequenos itens o que julgar relevante para a avaliação. Esse exercício realizado no dia-a-dia levará o professor a adquirir certa habilidade na observação e registro dos diferentes componentes, terminando até pela elaboração de códigos que facilitem a leitura e mensuração.

Assim, para Mattos e Neira (2003), diante desses dados será possível analisar o processo de aprendizagem de cada aluno individualmente, lembrando que existem diversos critérios para avaliação das aulas de orientação física em jogos de futebol infantil. Porém, lembra o autor que os critérios aqui expostos apresentam coerência com o restante do trabalho pedagógico – jogos, atividades lúdicas de cognição e movimento.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da desigualdade econômica e social evidente em nosso país, o futebol é uma prática esportiva capaz de nivelar todas as camadas sociais em busca de um único objetivo, que é jogar futebol. Como principal esporte praticado em todo país, seja nos campinhos, na rua, jogar futebol e fazer dele sua principal atividade é sonho de toda criança, principalmente pela visibilidade que o futebol brasileiro tem em todo o mundo.

É fato mais que comprovado que, através do futebol é possível transformar uma criança no aspecto social, no comportamental e cognitivo, levando-a a ver o mundo de uma forma diferente.

Com a Escolinha de Futebol, essa prática ganha destaque ainda quando se tem a presença de um Professor de Educação Física ou de um ex-jogador de futebol, principalmente se atuou por uma equipe de projeção nacional e que tem grande experiência pelo contato com técnicos renomados e com preparadores físicos de alto nível.

Porém, a realidade das Escolinhas de Futebol hoje, tem predominância comercial, onde a maioria são atividades com fins lucrativos, em prejuízo daquelas mantidas com fins educacionais e sociais. Mas qualquer que seja a modalidade da Escolinha, todas tem o poder de transformação, pois, pelo fato de ser um esporte coletivo, dependem de regras a serem respeitadas como qualquer outro jogo que exige regras.

Entretanto, o objetivo deste trabalho foi apresentar uma Escolinha de Futebol voltada exclusivamente para a socialização e para o desenvolvimento cognitivo, inclusive fazendo encaminhamentos quando a criança se destacar.

Além da meta principal ser a questão social, a saúde física também é priorizada, considerando que as práticas esportivas leva a criança a desenvolver hábitos saudáveis que irá, definitivamente influenciar em sua saúde física e melhor qualidade de vida.

11. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil**, v. 3 Conhecimento de Mundo. Brasília, MEC/SEF 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COLLELO, Silvia. **Alfabetização em questão**. São Paulo: Graal, 1995.

Revista Educação Física UNIFAFIBE, Ano II, n. 2, p. 112-124, dezembro/2013.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LE BOULCH, Jean. **Educação Psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LE BOULCH, Jean. **O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até 6 anos**. 7 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

MATTOS, Mauro G.; NEIRA, Marcos G. **Educação Física Infantil: Construindo o Movimento na Escola**. Guarulhos, SP: Phorte Editora, 2003

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SCAGLIA, A. J. Escolinha de Futebol: uma questão pedagógica. **Motriz**, v. 2, n.1.Jun/1996.Disponível em: <http://www.graduação.univast.edu.br/atividadefisica/arquivos/Scaglia1.pdf> Acesso em 20/03/2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20 ed. - São Paulo: Cortez, 1996.

VALENTIN, R. B.; COELHO, M. Sobre as escolinhas de futebol: processo civilizador e práticas pedagógicas. **Rev. Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n312VBR.pdf>. Acesso em 21/03/2012.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

WALLON, H. A importância do movimento no desenvolvimento psicológico da crianças. In: **Psicologia e educação da infância** – Antologia. Lisboa: Estampa, 1975.